

A LINGUAGEM VISUAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O USO DO DESENHO

CLÉZIO SANTOS

Pós-graduando - FFLCH/USP
cleziosantos@mailbr.com.br

Introdução

A linguagem visual é distinta da linguagem escrita e da linguagem oral, tanto por sua estrutura, como por sua função imediata. É uma linguagem feita de *pensamento, imagem e representação gráfica*, assemelhando-se à linguagem escrita quanto as duas primeiras características e destoando da última. Neste trabalho, enfatizamos mais a questão da *representação gráfica* e trabalhamos pouco com o *pensamento* e a *imagem*, estes foram mais detalhados em SANTOS (2000).

A *expressão* é uma característica compartilhada pela linguagem oral e a visual, porém não é encontrada diretamente na escrita. A *representação gráfica* é uma forma de *expressão* e, como tal, escolhemos o desenho, pertencente ao mundo das representações gráficas como objeto de estudo e como facilitador do processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina no contexto escolar.

Exploramos o uso do desenho como linguagem visual no ensino de geografia. O desenho passa a ser entendido segundo GOODNOW (1983), como um termo muito amplo, porém como uma palavra comum a todos os seus sentidos.

“A primera vista podrá parecer extraño un uso tan amplio del término ‘dibujo’, pero es la palabra común a todo ello-decimos, por ejemplo, ‘dibuja una persona’, ‘dibuja este triángulo’ o ‘dibújame un mapa’, utilizando el verbo ‘dibujar’ siempre que la tarea consista esencialmente en trazar líneas y formas sobre una superficie plana” (GOODNOW, op.cit:11).

Trabalhar com os desenhos é trabalhar com novas formas de ver, compreender as “coisas” e verificar-comprovar as próprias idéias. O sujeito, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio, e muitas vezes isso é deixado de lado pelo processo educacional.

Nossa abordagem é um estudo sobre os desenhos que os alunos do ensino fundamental fizeram observando uma paisagem urbana. Apresentamos a construção de um modelo de análise dos desenhos, necessários pela diversidade de representações gráficas com que nos defrontamos quando começamos a analisá-los.

Quando pedimos para os alunos que desenhassem a paisagem, no campo, não imaginávamos o trabalho da análise desses desenhos sob uma ótica geográfica. Caminhamos para um pensamento pós-formal e complexo.

Para a análise dos desenhos, adentramos também o mundo das imagens, a imaginação e o imaginário, chegando, finalmente, à discussão do desenho como expressão cultural. Somente percorrendo o processo de pensar, perceber e criar imagens é que podemos construir um esboço de análise dos desenhos dos alunos que desenharam uma paisagem.

Pretendemos, com este trabalho, fomentar a discussão do desenho como linguagem visual única e diferente da escrita, e que guarda elementos e características cognitivas ímpares na produção do conhecimento geográfico.

O desenho como forma de expressão e representação gráfica

A seguinte questão norteou nossa pesquisa: o que os alunos do ensino fundamental desenham quando estão defronte de uma paisagem urbana?

Esta questão envolve diversos problemas, sendo o primeiro deles relacionado à falta de uma bibliografia que trabalhe os desenhos das crianças, não apenas na idade pré-escolar. Necessitamos de estudos de desenhos de adolescentes e adultos.

Outro problema é a dimensão do objeto a ser desenhado, uma vez que, em grande parte dos estudos com desenhos, os objetos desenhados são palpáveis e de dimensões pequenas. Quando nos propomos a analisar desenhos de paisagem, nosso objeto extrapola o palpável e caminha para o interior da mente dos alunos que estão desenhando, levando-nos à necessidade de pensar sobre o pensamento. Entramos nos campos cultural, emocional e cognitivo dos alunos, segundo KINCHELOE (1997).

O terceiro problema diz respeito à variação qualitativa dos desenhos. Devido à extensão do objeto (a paisagem), classificá-los em categorias não é uma tarefa fácil.

O quarto problema remete às diferentes escalas com que lidamos na análise dos desenhos. Não analisamos apenas um desenho, pois a atividade proposta pedia dois desenhos: no primeiro, o aluno está distante da paisagem e, no segundo, o aluno se encontra bem próximo de um perfil de solo (solo exposto) dessa paisagem. Entretanto, o problema escalar permitiu que fizéssemos uma questão auxiliar: Quais os elementos da paisagem urbana que se destacam em escalas diferentes?

Para respondermos à questão principal e às demais que surgiram ao longo da atividade, escolhemos o Bairro Jardim Santana na zona nordeste de Campinas. Acompanhamos no segundo semestre de 1998, duas turmas da Profa. Nancy Nely Ghizzi Sugahara da E.E.P.S.G. Moacyr Santos de Campos⁷. Cinquenta e cinco alunos com idade entre 11 – 13 anos (30 alunos da 5ª Série “D” e 25 alunos da 5ª Série “F”), alunos regularmente matriculados no ano letivo de 1998, realizaram um trabalho de campo, em que respondiam questões e faziam desenhos. Optamos por trabalhar com a 5ª série “D”, totalizando 30 alunos, entre eles 15 meninos e 15 meninas. Os desenhos analisados, no total de 60, versam sobre o trabalho de campo do dia 25 de outubro de 1998.

A atividade previa dois desenhos de uma mesma paisagem urbana nas proximidades da escola, privilegiando diferentes escalas. No primeiro desenho foi pedido: “Desenhe a paisagem que você está vendo” e no segundo desenho: “Desenhe a parede (perfil do solo) destacando os aspectos diferentes”. Cada desenho levou em média uma hora para ser feito, variando de aluno para aluno, e os desenhos foram feitos seguidamente. Apesar do ponto de vista mudar, a direção era a mesma, o que tínhamos era uma aproximação em relação à paisagem a ser desenhada, envolvendo a questão de distância (escala). O ponto de vista, propiciou uma visão geral da paisagem urbana e o segundo ponto de vista, uma visão de detalhe do perfil de solo.

A análise dos desenhos

Para a análise dos desenhos, construímos um instrumental composto de cinco itens, sendo estes: a) plano de representação; b) desenhos conceituais e/ou figurativos; c) escalas diferenciadas; d) títulos; e) expressões culturais.

Dividimos a análise em duas partes iniciais: o desenho da primeira folha – 1A (desenhar a paisagem que a criança estava vendo) e o desenho da segunda folha – 2A (desenhar o perfil de solo e destacar os aspectos diferentes). A divisão fez-se necessária, a nosso ver, por se tratar de duas escalas muito diferentes.

⁷A docente e a escola integraram o projeto “Geociências e a formação continuada de professores no ensino fundamental”, projeto este desenvolvido pelo Departamento de Geociências Aplicadas ao Ensino IG/UNICAMP, com apoio da FAPESP, FINEP e CNPq.

No desenho 1A, como a escala era menor, ela facilitou identificar os planos de representação. Os alunos podiam escolher livremente o plano de representação entre um plano deitado, em transparência ou em perspectiva. Já no desenho 2A, devido à proximidade do objeto (escala maior), o plano de representação em transparência foi definido pela própria escala.

Plano de representação gráfica

Após trabalhar individualmente os primeiros desenhos, dividimos seguindo a estruturação de seus processos de construção gráfica.

Plano deitado: nesta categoria não temos um desenho totalmente formulado com essas características. Temos sim elementos projetados no plano, como o que ocorre em alguns desenhos, a representação do chão.

Desenhos em transparência: a transparência aparece como um desenho de perfil, subdividimos os desenhos em dois: uma transparência horizontal (perfil horizontal) e transparência inclinada (perfil inclinado). Na transparência horizontal os elementos são trabalhados tendo como base uma única linha, que podemos chamar de "linha do horizonte" (elemento importante na estruturação da perspectiva durante o renascimento, que perpassa até hoje). Como as categorias não são fixas, um mesmo aluno pode ter utilizado mais de um plano de representação.

Desenhos em perspectiva: os desenhos em perspectiva representam os elementos gráficos por meio de um ponto de fuga. O ponto de fuga passa a orientar a estrutura desenhada como uma visada fixa, permitindo a noção da terceira dimensão.

Desenhos conceituais e/ou figurativos

Para a análise do segundo desenho adotamos a segunda estruturação: *a) conceitual* – a percepção da paisagem foi conceitual; *b) figurativo* – procura-se fazer uma cópia da paisagem; *c) conceitual + figurativo* – uma mistura, ou um meio caminho.

Os processos que utilizamos na análise do primeiro desenho caminham para a efetivação das três formas de representação gráfica utilizadas no segundo desenho.

A linguagem visual, única e específica, proporciona o entendimento diferente da paisagem urbana. A diferenciação está na retenção conceitual e cognitiva do próprio ambiente, seja enfatizando algumas formas naturais da paisagem ou formas humanizadas mas, principalmente, a relação dessas formas na paisagem.

Escalas diferenciadas

Retomamos o nosso quarto problema, exposto anteriormente. Ele remete às diferentes escalas com que lidamos na análise dos desenhos. Como acabamos separando a análise dos desenhos nos dois itens anteriores, resolvemos juntá-los, para responder a uma questão surgida ao longo do trabalho: quais os elementos da paisagem urbana que se destacam em escalas diferentes?

As paisagens percebidas, de COLLOT (1986), nos remetem a três elementos essenciais: a idéia de ponto de vista, a de parte e a de unidade ou conjunto.

O primeiro desses elementos, o ponto de vista, é que define a paisagem, ou seja: a partir de onde ela é observada. O sujeito é fundamental. Mas o próprio autor, alerta-nos para o fato de que essa pressuposição poderia nos levar a uma definição simplista: paisagem é tudo o que se vê. Esta seria uma definição incompleta, porque não inclui a noção de distância. A grandes distâncias, a paisagem ameniza-se com a diminuição de elementos que a compõem e, além do espaço que os olhos podem perceber, desaparece. A noção de escala é, portanto, inseparável da noção de paisagem. Há um limiar mínimo e um máximo na percepção da paisagem, possível de ser calculado precisamente em termos de

distância, entretanto, não o faremos neste estudo. Esse mínimo e máximo que COLLOT cita, estão presos a imagem retiniana, à imagem abarcada pela visão. Em nossa atividade, os dois desenhos não extrapolam o mínimo e o máximo em termos de distâncias, mas os elementos podem variar em termos de escala.

Nesse sentido, quando o aluno muda a distância do seu ponto de vista, ele altera o seu campo de visão. Entretanto, não podemos cometer o erro de achar que a mudança do campo de visão do aluno alteraria todos elementos a serem representados em seu desenho. As lacunas ocasionadas pela escala são, de alguma forma, preenchidas pela percepção que ultrapassa o simples dado sensorial e completa as falhas.

A mudança do campo de visão do aluno poderia proporcionar novos elementos ou reafirmar os elementos já representados visualmente da paisagem urbana. Procuramos, por meio da comparação dos dois desenhos, os elementos que se destacam na paisagem. Esses elementos são os que permanecem nos dois desenhos analisados. O destaque não está diretamente relacionado apenas à repetição dos elementos, embora, esta seja uma característica marcante.

Dos trinta alunos participantes da atividade, vinte deles mudaram a escala de representação. No desenho 1A, representaram graficamente a paisagem urbana, por meio de uma escala menor, com uma diversidade maior de elementos representados em tamanho reduzido. Já no desenho 2A, representaram o perfil de solo (solo exposto) com uma diversidade menor de elementos, mas com mais detalhes (maiores). Seis alunos não mudaram a escala: permaneceram com um número semelhante de elementos gráficos e do mesmo tamanho. Quatro alunos apresentaram uma mudança escalar confusa: no mesmo desenho, alguns elementos seguiam a proporção escalar condizente e outros não. Temos alguns desenhos em que a escala varia muito, pouco e nada.

Não queremos apontar escalas corretas de representação, nossa preocupação repousou em rastrear os elementos que se destacaram, num primeiro momento, como repetição.

A *vegetação* foi representada por todos os alunos nos dois desenhos, entretanto, o modo escalar de representação mudou muito. Dezesseis alunos representaram a vegetação com proporções maiores no desenho 1A (árvores, coqueiros e arbustos), e menores no desenho 2A (gramíneas e arbustos). Onze alunos, não modificaram a escala de representação de sua vegetação, mantendo o mesmo tamanho da grama e arbustos. Outros três alunos representaram opostamente ao que ocorreu no desenhos dos dezesseis primeiros alunos: a vegetação maior estava no desenho 2A, e a menor no 1A.

Títulos: relação entre palavras e imagens

Algumas palavras destacaram-se pela repetição nos títulos, como: *barranco*, *morro*, *paisagem* e *solo*. A palavra *barranco* foi utilizada nove vezes (5 por meninas e quatro por meninos); já a palavra *morro* foi repetida oito vezes (6 por meninas e 3 por meninos); a palavra *paisagem*, apesar do enunciado do trabalho conter as palavras: "desenhe a paisagem que você está vendo", foi utilizada por sete alunos (4 meninas e 3 meninos) e a palavra *solo* foi utilizada quatro vezes (2 por meninas e 2 por meninos).

Outros títulos que chamam atenção estão presos ao seu caráter cultural, com uma ligação direta entre o aluno e o bairro - 3 meninos e 1 menina apresentam títulos com estas características:

A reserva do cafezinho – neste título, o aluno expressa o conhecimento da área, já que existe nestas proximidades a favela do cafezinho.

O nosso morro – o título da aluna remete ao sentimento de posse, uma ligação com a área e o bairro. Identifica o morro como elemento de sua vivência.

Barranco público – o aluno, neste título, evoca a questão do público, propondo uma indagação frente à cerca que representou.

A reserva do barraco estreito – neste título, o aluno associa uma reserva das proximidades (a reserva do cafezinho, uma mancha de vegetação dentro do urbano) à área analisada, dando uma medida escalar – estreito.

Expressões culturais

Os elementos mais representados nos desenhos analisados foram diferenciados por duas ordens: elementos humanos e elementos naturais. Os primeiros referem-se aos elementos criados estritamente pelo homem e os segundos, aos elementos que remetem ao meio ambiente natural.

Os principais elementos humanos são: *cerca (alambrado), casa, edifícios e rua.*

Os principais elementos naturais são: *solo, rocha, vegetação(mato), coqueiro e barranco (vertente).*

Dentre as representações culturais mais destacadas temos:

O *perfil de solo* foi representado por vinte e seis alunos, em ambos os desenhos, com escalas diferenciadas, enquanto quatro alunos, não o representaram em nenhum de seus desenhos.

A *cerca* é percebida e representada por vinte e sete alunos, pelo menos em um dos desenhos. Aparece nos dois desenhos de oito alunos, e é representada por tamanhos diferentes. Dezenove alunos retratam a cerca apenas no desenho 1A, e três alunos não a representam visualmente.

Os elementos que mais se destacaram na paisagem urbana em escalas diferentes, pela incidência, foram a vegetação, o perfil de solo e a cerca: dois elementos naturais, em contraposição a um elemento humano. Mas isso não quer dizer que a vegetação é o elemento mais importante da paisagem e sim, o mais destacado. Porém, englobamos um leque grande de elementos visuais dentro da vegetação, envolvendo desde as gramíneas até as árvores de grande porte.

Outros elementos que apareceram: *escada de terra, buraco, pedra, flores, terras, plantinhas, passarinho, matagão, pedrinhas, vegetação rasteira, morro, árvores frutíferas, formigas, cercado, terra avermelhada, grandes plantações, capim, placa, campo, plantas, pé de coquinho, muro e grama.*

Temos inúmeros elementos gráficos que se repetiram com certa frequência, nos desenhos dos alunos, mas com diferentes representações gráficas. Essa repetição de semelhanças diverge quanto à forma utilizada pelos alunos. O desenho da “grama” por exemplo, repete-se inúmeras vezes, mas com representações semelhantes como se fosse um conceito gráfico. Esta unidade gráfica é aceita por grande número de alunos. Da mesma forma, temos o desenho dos pássaros, da rocha, entre outros.

Desenho e representação: ordenando um mundo em desordem

Os desenhos analisados demonstram uma enorme riqueza do potencial representativo gráfico dos alunos enquanto construção e representação de conceitos. No caso, como procuramos explorar o conceito de paisagem, não trabalhamos com outros, porém o recorte era necessário para a construção do nosso modelo de análise. Modelo este que não é fechado, e sim flexível.

O destaque da unidade gráfica, para qual ARNHEIM (1980) nos chama a atenção, é muito comum nos desenhos que analisamos, frutos do trabalho de campo nos arredores da escola do Jardim Santana, em Campinas. Trata-se do vocábulo visual comentado por ARNHEIM, como restrito, onde a mesma forma, ou linha, é repetida várias vezes para representar várias coisas.

Para ARNHEIM (op. cit.), a busca da estrutura e os limites do vocabulário gráfico podem fundamentar um aspecto assinalado nos desenhos infantis (exemplo, é a repetição da mesma unidade gráfica). Temos uma relação entre os conjuntos de conceitos que compõem o vocábulo visual, como se uma pessoa repetisse a mesma palavra para várias coisas.

O elementos do mundo natural são representados na maioria das vezes como figurativos (árvores, arbustos, rochas, nuvens...). Já os elementos ditos humanizados presos diretamente à cultura são, em grande parte, representados de forma conceitual (cerca, solo exposto, casas,...).

Ainda temos muito que trabalhar em relação aos desenhos dos alunos, pois eles podem nos revelar grandes surpresas em relação ao processo de ensino/aprendizagem nas escolas brasileiras.

Esperamos com trabalhos desta natureza colaborar com o ensino de Geografia no Ensino Fundamental e Médio, enfatizando a importância dos desenhos e das atividades de campo em novos contextos.

Os desenhos ainda continuam a ser vistos, na maioria das vezes, como atividades desconexas dos conteúdos ministrados pelas disciplinas do Ensino Fundamental e Médio, e não como instrumento importante da cognição e formador de conceitos ambientais.

Considerações finais

O desenvolvimento do desenho, em alguns aspectos, aproxima-se do desenvolvimento da escrita e, em outros, distancia-se muito. Em relação ao desenvolvimento da fala, os desenhos também se distanciam.

Ao desenhar, os alunos têm que se libertar do aspecto sensorial da linguagem e substituir as imagens móveis por imagem fixas, que possam ser expressadas visualmente. O desenho recorre à imaginação e ao imaginário.

Trata-se de uma linguagem muito imaginativa e que exige a simbolização da imagem visual por meio de elementos visuais (um segundo grau de complexidade são as estruturas pontuais, lineares e areolares, entrelaçando-se). Uma linguagem simples e complexa, e ao mesmo tempo, passível de ser vista e entendida por todos.

A paisagem configura-se como uma unidade gráfica, com elementos diversos que se relacionam. A percepção da paisagem por meio do desenho vai além da visão retiniana, demonstrando a complexidade da atividade perceptiva. A percepção é um dos estágios pelo qual o aluno passa no ato de representar graficamente.

O desenho é a representação de uma imagem, ou de várias imagens, criando um pensamento complexo. Algumas imagens podem transformar-se em idéias.

As características do pensamento pós-formal e complexo, auxiliam no entendimento do processo do pensamento, colaborando para a resolução de problemas. A gênese dos conceitos, sejam eles cotidianos ou científicos, permeia o ato de pensar.

Os desenhos demonstram uma unidade, já que são frutos de processos mentais e físicos. Eles ordenam um mundo em desordem. Entretanto, esse conjunto, pode conter condições específicas da visão. Temos o confronto da unidade com a parte.

O desenho interior, enquanto idéia, estimula vários fenômenos psicológicos importantes, que caracterizam o desenvolvimento mental e gráfico dos alunos. Os alunos representam suas opiniões sobre o mundo e, nem sempre apenas suas imagens retinianas.

Em nenhum momento centramos-nos na seqüência das decisões gráficas que o aluno deve enfrentar, durante a realização do desenho. A seqüência que a atividade propôs - um desenho a certa distância e outro mais próximo - não foi encarada como uma barreira de representação. Não trabalhamos com todos os parâmetros psicológicos, porém esperamos poder colaborar de alguma forma para a compreensão do ato de desenhar.

Os alunos quando estão defronte a uma paisagem urbana, usam a imaginação e o imaginário. Alguns elementos da paisagem são expressos por uma representação visual única, outras são semelhantes, como se todos tivessem a mesma idéia e forma de desenhar. A unidade da paisagem é desvendada e criada por cada aluno, de maneira peculiar, assemelhando-se muito as idéias de ARNHEIM (1980), quando comenta sobre o vocabúlo visual e sua repetição para representar vários elementos.

Os elementos desenhados estão presos à cultura de cada indivíduo, permeados pelo jogo da imaginação. O desenho, tal como o todo, é construído de partes, e essas partes é que dão um rosto a cada representação gráfica.

Os desenhos analisados demonstram uma enorme riqueza do potencial representativo gráfico de alunos enquanto construção e representação de conceitos geográficos.

Referências bibliográficas

- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual – uma psicologia da visão criadora*. 2ª ed, Pioneira e Edusp, São Paulo, 1980.
- COLLOT, michel. Points de vue sur la perception des paysages. In: *L'espace Géographique*. 15 (3): 211-217, 1986.
- DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (orgs.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. Editora Nobel e Ed, UFSCar. São Paulo e São Carlos, 1996 (256).
- DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento e grafismo infantil*. Série pensamento e ação no magistério. São Paulo: Scipione, 1989.
- ENTRIKIM, J. N. O humanismo contemporâneo em Geografia. In: *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, 10 (19): 5-30, 1980.
- FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Papirus, 1998.
- GOODNOW, J. *El dibujo infantil*. 3ª ed, Ed. Morata, Madrid, 1983.
- KINCHELOE, J. L. *A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno*. Tradução Nize M. C. Pellanda. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1997.
- MARGALEF, J. B. *Percepcion, desarrollo cognitivo y artes visuales*. Ed. Anthropos, Barcelona, 1987.
- MEREDIEU, F. de. O desenho infantil. São Paulo: Kultrix, 1974.
- MORIN, E. Da complexidade de um pensamento complexo. In: MARTINS F. M. R. & SILVA, J.(orgs.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edpuers, 1999 (19-42p.).
- OLIVEIRA, L. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. *Geografia*, 3 (2), 1977.
- SCHÖN. D. Formar professores como profissionais reflexivos. NÓVOA, A (org.). *Professores e sua formação*. Rio de Janeiro: Ed. Dom Quixote, 1992 (p.77-91).
- SANS, P. T. C. *Pedagogia do desenho infantil*. Campinas: Alínea, 1987 (59p.).
- SANTOS. C. *O desenho da paisagem feito por alunos do ensino fundamental*. Dissertação de mestrado, Campinas: DGAE/IG/UNICAMP, 2000.
- _____. A imagem como elemento estruturador de conceitos no Ensino de Geografia. 6º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, *Cadernos de Resumos*. São Paulo: FE-USP/FFLCH-USP/AGB-SP, 2001 (p.15).
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia; um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1983.

- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1983 (Ed. Norte América: Space and place: the perspective of experience). Minneapolis, University of Minneapolis, Press, 1977.
- _____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fonte, 1994.
- _____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO: O IMAGINÁRIO DA CRIANÇA E OS CONCEITOS DE CARTOGRAFIA.

MARIA DE FÁTIMA PEREIRA ABRANTES
fatinha@igeo.ufrj.br
ANDRÉ GOMES DA CONCEIÇÃO
IGEO/UFRJ

A Cartografia como ciência que representa o espaço e os fenômenos que nele acontecem, possui interface com muitas outras áreas do conhecimento, especialmente com a Geografia. Esta integração entre as duas ciências dá-se uma vez que a Geografia busca compreender, identificar, prever fenômenos que possam acontecer no espaço geográfico, sendo este também o objeto de estudo da Cartografia. A representação espacial é importante no ensino da Geografia, uma vez que facilita a espacialização da ocorrência de diferentes fenômenos sejam eles naturais ou culturais. Esta importância é evidenciada pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) quando estes propõem que a Geografia trabalhe o espaço vivido pelo aluno ainda no 1º segmento do ensino fundamental e que nas etapas seguintes do ensino a Cartografia seja utilizada como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo (4º eixo do ensino da Geografia). A maior parte do conteúdo de Cartografia é desenvolvida ao longo da 5ª série do ensino fundamental (2º segmento) logo, o trabalho a seguir foi desenvolvido nesta série em escolas públicas e particulares, de classes sociais e áreas diferentes (nobres e carentes). Para que o plano de curso fosse idealizado de acordo com as necessidades de cada turma foi realizada uma verificação dos conceitos cartográficos aprendidos nas séries anteriores. Esta verificação foi feita a partir da representação feita pelos próprios alunos em sala de aula de uma mesma história contada na primeira semana do ano letivo em que se iniciavam no 2º segmento do ensino fundamental. Essa história foi marcada por referências (favela, lixão, escola, rua, etc.), atores e agentes (uma criança protagonista, moradores, traficantes, polícia, etc.). Esta verificação será realizada novamente ao término do ano letivo e culminará numa comparação com a primeira. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é o de verificar, acompanhar e auxiliar a aprendizagem e o desenvolvimento da noção espacial das crianças e a partir dela discutir os temas transversais propostos pelos PCNs (pluralidade cultural, ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, trabalho e consumo).

Palavras-chave: ensino, imaginário, temas transversais

PERCEPÇÃO ESPACIAL NA FASE PRÉ-ESCOLAR

Maurílio Martinez; Fabiana Rezende e Silvana Delazari.
Graduandos do Curso de Geografia - Universidade Estadual de Maringá
maurimartz@hotmail.com

ABSTRACT

The present work brings the results of a study carried out with children in preschool phase (02 to 06 years), of the Preschool Pequeno Aprendiz, located in Mandaguari, North of Paraná. The subject of analysis was the perception of the child's space in this age group.